

STUDIA

IBERYSTYCZNE

| |
|-------------|
| 18 |
| 2019 |

LUSOFONIA: UM MUNDO, VÁRIAS VOZES

LUZOFONIA: JEDEN ŚWIAT, RÓŻNE GŁOSY

LUSOFONIA: ONE WORLD, VARIOUS VOICES

eds.

Przemysław Dębowski

Anna Rzepka

Anna Wolny

Kraków

© Copyright by Instytut Filologii Romańskiej
Uniwersytetu Jagiellońskiego and individual authors, 2019

Correção linguística:
Ana Wąs-Martins

Formatação do texto: Agnieszka Kluzik

Gravura na capa: Katarzyna Wolny



Internacionalização da revista “Studia Iberystyczne” através do aumento do número de avaliadores estrangeiros em 2019 e 2020 – tarefa financiada no âmbito do contrato n° 898 / P-DUN / 2019 pelo Ministério da Ciência e Ensino Superior com os fundos para atividades de divulgação científica.

A publicação é subsidiada pela Faculdade de Filologia da Universidade Jaguelónica.

Publicado em forma de e-book junto com as 60 cópias em papel

A versão principal é a versão em formato digital

ISSN 2082-8594

Księgarnia Akademicka SRL
ul. św. Anny 6, 31-008 Kraków
e-mail: akademicka@akademicka.pl

Livraria digital:
www.akademicka.pl

Índice

| | |
|--|-----|
| Wstęp | 7 |
| Prefácio | 11 |
| LITTERATURAS E CULTURAS EM LÍNGUA PORTUGUESA | |
| Yana Andreeva, <i>Sob céus estranhos: o exílio segundo Ilse Losa</i> | 17 |
| Dário Borim Jr., <i>Precária existência, implacável destino: Machado de Assis, Borges e Poe, em Luis Fernando Verissimo</i> | 35 |
| Tássia Verônica Brandão Teixeira, <i>Recursos literários e historicidade em Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre. Literacidade no equilíbrio de antagonismos</i> | 45 |
| Jerzy Brzozowski, <i>Presença de José Saramago na Polónia</i> .. | 55 |
| João Batista Cardoso, <i>Literatura Brasileira no Modernismo tardio, sob o prisma do Grande sertão: veredas</i> | 71 |
| Adriano Carvalho Araujo e Sousa, <i>Transcrição no Sermões de Júlio Bressane: interações de literatura, pintura e oralidade</i> | 95 |
| Gildo José da Costa, <i>Consciência e cultura: a incondicionalidade da palavra-ação em Paulo Freire</i> | 107 |
| Maria Aparecida Cruz de Oliveira, <i>“Literatura afro-brasileira” ou apenas “literatura”? Problematizando a presença de adjetivos</i> | 117 |
| Anna Działak-Szubińska, D. Teresa. Uma mulher que não abriu mão do poder (2015) de Isabel Stilwell. <i>A imagem da mãe de D. Afonso Henriques revisitada</i> | 135 |
| Cláudia Fernandes, <i>O espaço do conceito de “kizomba”</i> | 147 |
| Agnieszka Gabor-da Silva, <i>Clarice Lispector e sua arte do conto. Uma análise literária de O ovo e a galinha</i> | 157 |
| João Miguel Henriques, <i>Depois de La Lys: as Memórias da Grande Guerra, de Jaime Cortesão</i> | 169 |

| | |
|--|-----|
| Anna Kalewska, <i>A intertextualidade camoniana em ...Onde Vaz, Luís? (1983) de Jaime Gralheiro ou Luís Vaz de Camões revisitado no teatro português contemporâneo</i> | 183 |
| Maria S. Khvan, <i>O papel da mulher na sociedade portuguesa: um olhar pelo lado de fora (uma breve revisão)</i> | 201 |
| Priscilla Lopes d' El Rei, <i>Literatura e poesia marginal contemporânea no Brasil. A periferia na voz de Sérgio Vaz e Ferréz</i> | 213 |
| Rui Maia Rego, <i>Ética epicurista – Tetraphármakos: Algumas inquirições no pensamento filosófico português</i> | 231 |
| Serafina Martins, <i>A crise económica na literatura portuguesa recente: casos de 2011 e 2013</i> | 243 |
| Emanuel Cesar Pires de Assis, Daniel Lopes, <i>A estatística textual computadorizada e a literatura brasileira: uma análise do romance Miragem, de Coelho Neto</i> | 259 |
| Kateřina Ritterová, <i>Adília do Outro Lado do Espelho (o lírico e o grotesco na poesia de Adília Lopes)</i> | 271 |
| Simone Rossinetti Rufinoni, <i>Patriarcado e loucura no romance brasileiro</i> | 283 |
| Anna Rzepka, <i>Alguns apontamentos sobre os manuscritos portugueses da Biblioteca Jaguelónica de Cracóvia</i> | 293 |
| Zlatka Timenova, <i>Formas de disjunção no haiku: algumas características do haiku em búlgaro e em português</i> | 311 |
| Karolina Válová, <i>Quatro coisas encontradas: análise espacial da casa no romance Para Sempre de Vergílio Ferreira</i> | 325 |

LINGUÍSTICA, DIDÁTICA E ESTUDOS DE TRADUÇÃO

| | |
|---|-----|
| Maria Helena Ançã, <i>Aproximações ao Português Língua Não Materna: alguns estudos académicos do 2º Ciclo (Bolonha)</i> | 335 |
| Henrique Barroso, <i><Meter-se a + infinitivo> no Português Europeu</i> | 349 |

| | |
|---|-----|
| Anabela Cristina Costa da Silva Ferreira, <i>A atividade teatral como instrumento para a aprendizagem do PLE no Departamento de Interpretação e Tradução da Universidade de Bolonha, sede de Forlì</i> | 365 |
| Joanna Drzazgowska, <i>Formas de tratamento nominais na língua portuguesa. Algumas observações de caráter contrastivo português europeu – polaco</i> | 388 |
| Maria Carmen de Frias e Gouveia, <i>Aquisição e uso das formas de tratamento em português – língua estrangeira</i> | 399 |
| Jakub Jankowski, <i>Histórias em quadrinhos traduzidas (e no prelo) para polaco. Abordagem histórica e teórica na área dos estudos de tradução</i> | 413 |
| Ana Loureiro, Patricia Rossi Jiménez, Natália Sarnowska, Paulo Gonçalves, Boyka Nédeva, <i>Traduzir marcadores discursivos não é tarefa fácil... desde logo, porque. As traduções de ‘desde logo’ para Espanhol, Búlgaro e Polaco</i> | 431 |
| Fátima Oliveira, Fátima Silva, <i>O uso do Pretérito Imperfeito e do Pretérito Perfeito do Indicativo em português europeu por estudantes com cantonês como L1</i> | 447 |
| Galina Petrova, <i>Conceitos do tempo e do espaço em russo e em português: diferenças e dificuldades na aprendizagem...</i> | 467 |
| Joanna Popielska-Grzybowska, <i>A visão linguística do Além egípcio antigo na tradução para português e inglês</i> | 479 |
| Anáisa Silva Gordin, <i>A Língua Portuguesa nas Organizações Internacionais</i> | 491 |
| Konrad Szcześniak, <i>Os aspetos regulares e irregulares da construção ter PRON INF</i> | 513 |
| Ildikó Szijj, <i>Observações sobre a derivação parassintética no português e no espanhol</i> | 525 |
| José Teixeira, <i>As cores dos provérbios na língua portuguesa: de Portugal ao Brasil e de Angola a Timor</i> | 537 |

Henrique Barroso 

Universidade do Minho / CEHUM

hbarroso@ilch.uminho.pt

<Meter-se a + infinitivo> no Português Europeu

Resumo:

<Meter-se a + infinitivo> é uma construção que focaliza o ‘começo’ da situação denotada pelo predicado cujo núcleo é a forma verbal de infinitivo. Este valor, o “inceptivo”, não se lhe confina, contudo. Por exemplo (e só para referir algumas), *começar a*, *pôr-se a*, *romper a*, *largar a* + infinitivo são construções que também o partilham. Por conseguinte, constitui objetivo deste artigo indagar das suas especificidades, para o que – com base num *corpus* constituído por material linguístico autêntico, recolhido na imprensa escrita e em textos literários (finais do séc. XX e inícios do séc. XXI) –, convoco argumentos vários, quer de natureza estrutural quer sintático-semântica.

Palavras-chave: <Meter-se a + infinitivo>, perífrase verbal, verbo semiauxiliar, inceptivo + ‘esforço/vontade firme/decisão’, Português Europeu

Abstract:

<Meter-se a + Infinitive> in European Portuguese

<Meter-se a + Infinitive> is a construction that focuses on the ‘beginning’ of the situation denoted by the predicate whose core is the infinitive form of the verb. This value, “inceptive”, is not however confined to it. For example – and just to mention a few –, *começar a*, *pôr-se a*, *romper a*, *largar a* + infinitive are constructions that also share it. Thus, the purpose of this article is to investigate their specificities, to which – based on a *corpus* of authentic language material collected in the press and literary texts (end of the 20th century and early 21st century), – I (will) call forth several arguments, both structurally and syntactic-semantic nature.

Keywords:

<Meter-se a + infinitivo>, verbal periphrasis, semi-auxiliary verb, inceptive + ‘effort/firm will/decision’, European Portuguese

Introdução

<Meter-se a + infinitivo> é uma construção verbal que partilha, prototipicamente, o mesmo significado com mais vinte e uma, distribuídas pelos seguintes nove grupos de acordo com o significado específico que parecem veicular, o fundamento da sua distinção: (i) <começar a + infinitivo> e <principiar a + infinitivo>; (ii) <desatar a + infinitivo>, <deitar a + infinitivo>, <largar a + infinitivo>, <romper a + infinitivo>, <deitar-se a + infinitivo>, <botar-se a + infinitivo> e <desandar a + infinitivo>; (iii) <entrar a + infinitivo> e <entrar + gerúndio>; (iv) <pegar a + infinitivo>; (v) <meter-se a + infinitivo>; (vi) <pôr-se a + infinitivo>, <ficar a + infinitivo>, <ficar + gerúndio> e <quedar-se a + infinitivo>; (vii) <recomeçar a + infinitivo>; (viii) <passar a + infinitivo>; (ix) <começar por + infinitivo>, <começar + gerúndio> e <principiar por + infinitivo>¹.

Deste conjunto, deve desde já explicitar-se, há algumas que estão amplamente documentadas (à cabeça, <começar a + infinitivo>), outras consideravelmente (por exemplo, <desatar a + infinitivo>), outras pouco (é o caso da construção sob escopo: <meter-se a + infinitivo>) e outras, ainda, muito pouco (<romper a + infinitivo>).

¹ Por forma a que melhor se possa perceber estes agrupamentos, e em jeito de orientação, eis as etiquetas que lhes atribuí, há já alguns anos, em documento privado não publicado: as duas do grupo (i) marcam o ‘início’ de uma situação simplesmente, isto é, sem quaisquer nuances; as sete do (ii), o ‘início repentino’; as duas do (iii), o ‘início mais ou menos repentino’; a única do (iv), o ‘início + intensidade’; a única do (v), o ‘início + hábito + afinco, determinação’; as quatro do (vi), o ‘início + duração/continuidade’; a única do (vii), ‘novo início, depois de pausa’; a única do (viii), o ‘início, resultante da transição de uma situação para outra’; e, por fim, as três do (ix), ‘início de uma situação colocada em primeiro lugar numa série’.

Não se vai tratar de todas estas construções agora – é evidente. Não é esse o objetivo, nem se poderia, em verdadeiro rigor. Apenas da do título, e para indagar do(s) seu(s) significado(s), da sua definição estrutural (ou seja, da sua natureza mais ou menos perifrástica), das possíveis restrições de seleção (ou da sua descrição sintática) e, por fim, apresentar os resultados, acompanhados de uma breve discussão-síntese, com o foco orientado para o que ressalta de facto distintivo da análise aqui levada a efeito².

Do(s) significado(s): prototípico e específico

Quando abordei pela primeira vez esta matéria, a das perífrases verbais inceptivas, e tratei em particular da construção sob análise, escrevi o seguinte:

Finalmente, ainda como construções de **fase inceptiva**, mas apenas variantes da norma brasileira (porque só as documentámos em textos desta variante do português), temos **entrar + a + inf.** e **meter-se + a + inf.** (Barroso, 1994: 127)

e, duas páginas à frente, logo após a apresentação dos respetivos paradigmas, isto:

“**Entrar + a + inf.** e **meter-se + a + inf.**, talvez por serem variantes de uso mais reduzido, apresentam os paradigmas bastante incompletos. E, relativamente à coocorrência verbal, parecem combinar-se apenas com verbos ‘durativos’ (cf. exemplos dos paradigmas), rejeitando, por conseguinte, verbos ‘momentâneos’ e também verbos cópula.” (Barroso, 1994: 129)

A primeira citação, até pelo título do presente estudo (a não ser que se estivesse a fazer algum tipo de jogo linguístico) e como se vai poder ver no que vou expender a seguir, considerando naturalmente só a construção que agora me ocupa, não é mais válida: é que as

² Metodologia inspirada substancialmente em García Fernández (2006), que tenho vindo a adotar em trabalhos da mesma natureza (cf. Barroso, 2016, para <passar a + infinitivo>; 2017, para <passar a + infinitivo>; e, ainda, em publicação, para <começar a + infinitivo> e <desatar a + infinitivo>).

ocorrências (oito ao todo, apenas) que constituem o *corpus* que nos serve de base para esta reflexão/descrição são todas da variedade europeia do português. Portanto, está assim infirmada aquela afirmação. A segunda, ao invés, continua no essencial válida. No entanto, uma outra aproximação vem com certeza trazer também uma outra (ou, pelo menos, um pouco mais de) luz, ou seja, permite um aprofundamento no conhecimento da sua gramática.

Dado que <*meter-se a* + infinitivo> focaliza o ‘começo’ da situação denotada pelo predicado cujo núcleo é a forma verbal de infinitivo, estamos na presença de uma construção aspetual **inceptiva** ou, numa expressão equivalente, de **fase inicial**. Este é, pois, o seu significado prototípico, o que todas as outras vinte e uma construções, de que se fez o elenco na introdução, partilham sem exceção. Porém, entre outras propriedades de igual relevância, distingue-se por lhe acrescentar o(s) significado(s) específico(s) ‘(um certo) esforço/vontade firme/decisão’ por parte da entidade a que o sujeito faz referência, como (1), (2) e (3), com sujeitos animados e humanos (destacados através do sublinhado), ilustram de forma inequívoca³.

(1) 1.1. «Dias há em que então os poetas frenéticos *se metem a re-produzir* poemas como se uma encomenda mercenária tivesse que ser ali perfeita, os coitados dos poetas a fazer batota com grandes frases interseccionadas.»

(2) 2.3. «Dito e feito. De camaroeiro em punho [o Imperador, referido nas passagens imediatamente antes desta] *meteu-se a pescar* vírgulas nas prosas mais turvas; lançou-se atrás do til, essa borboleta, e do trema em lantejoulas; distribuiu hífens, colocou-os com o cuidado com que se abrem cancelas no terreno selvagem das orações confusas.»

(3) 8.1. «A Clara disse que eu não estava a perceber. Que havia tanta coisa para fazer que lhe interessava apenas fazer muito bem, fazer com perfeição, aquilo que [A Clara, referida acima] *se metesse a fazer*.»

³ Sobre esta matéria, concretamente sobre “dinâmica de força”, isto é, da relação entre energia/ expressividade/ rentabilidade funcional, cf. Aparicio & Coll-Florit & Castellón (2014), uma aproximação cognitiva às perifrases incoativas.

Os predicados dos enunciados acabados de convocar, bem como os de todos os que constituem o *corpus*⁴ em análise, exigem como sujeitos expressões nominais com o papel temático de ‘agente’, isto é, expressões que designam entidades que causam intencionalmente (portanto, controladoras) as situações descritas pelos enunciados (Duarte & Brito, 2003: 187-189).

É oportuno, neste momento, dizer o seguinte: à semelhança desta construção, <*pôr-se a + infinitivo*> também expressa este(s) significado(s), mas só com sujeitos animados e humanos; com sujeitos animados não humanos, inanimados e inexistentes, expressa o(s) de ‘de forma repentina’ ou ‘de modo brusco’ (Barroso, 2016: 111-114). No fundo, trata-se de construções com um comportamento gramatical muito semelhante, porém a que se está a descrever tem um uso bem mais reduzido.

⁴ Que disponibilizo aqui, logo a seguir às Referências bibliográficas. A propósito do *corpus* e respetiva organização, impõe-se este esclarecimento: mais ou menos metade dos enunciados que aparecem no corpo do texto, numerados de (1) a (23), são imediatamente seguidos de uma outra indicação numérica constituída por um algarismo **em negrito**, o da esquerda, seguido de outro ‘em não negrito’, o da direita. O primeiro, que teoricamente vai de 1 a 24 (cf. Barroso, 2007: 133-151), indica/significa o ‘tempo verbal’ (simples ou composto) em que a construção aparece; o da direita, o número de ocorrências desta construção em cada tempo verbal, com a finalidade de documentar, sempre que possível, incluindo a ‘pessoa-número’, sobretudo propriedades de natureza sintático-semântico-lexical, a informação que de facto é relevante para a descrição da construção. Desta feita, e neste *corpus*, temos ocorrências da construção <*meter-se a + infinitivo*> nos seguintes tempos verbais: **1.** ‘presente’ do ‘indicativo’, **2.** ‘pretérito’ ‘perfeito’ do ‘indicativo’, **6.** ‘condicional’ (ou ‘futuro’ do ‘pretérito’ do ‘indicativo’), **8.** ‘pretérito’ ‘imperfeito’ do ‘conjuntivo’, **11.** ‘infinitivo’ ‘não pessoal’ [diria, antes, ser ou **12.** ‘infinitivo’ ‘pessoal’, pois falta -mo- depois de meter-, assim: metermo- ou, se calhar melhor, **23.** ‘infinitivo’ ‘pessoal’ composto: termo-nos metido a...] e **22.** ‘infinitivo’ ‘não pessoal’ composto.

Da definição estrutural: perífrase e verbo semiauxiliar

Uma vez que a construção <meter-se a + infinitivo> é comumente tratada como perífrase verbal, faz todo o sentido que se recordem os critérios habitualmente usados para, perante uma sequência no mínimo de duas formas verbais, se poder aquilatar se se está na presença de uma perífrase ou de um grupo verbal, seja este uma expressão feita, seja uma combinação sintática de dois ou mais verbos pertencentes a orações diferentes.

Tais critérios são (quase) exclusivamente de natureza sintático-semântica. É nesta base que operam, para o português, por exemplo, Gonçalves & Costa (2002). Com efeito, tendo em consideração estes nove critérios,

(i) impossibilidade de coocorrência com orações completivas finitas,

(ii) impossibilidade de substituição do domínio encaixado por uma forma pronominal demonstrativa,

(iii) impossibilidade de coocorrência de duas posições de Sujeito,

(iv) passivas encaixadas sem alteração do significado básico da ativa correspondente,

(v) impossibilidade de ocorrência do operador de negação frásica no domínio não finito,

(vi) ocorrência dos complementos pronominalizados (cliticizados) em adjacência ao verbo auxiliar,

(vii) não seleção do Sujeito,

(viii) coocorrência com qualquer classe aspetual de predicados verbais e

(ix) impossibilidade de ocorrência de modificadores temporais que afetem apenas a interpretação do domínio não finito,

concluem que <ter e haver + particípio passado> são os únicos verbos auxiliares do português ou, usando uma expressão sua (Gonçalves, Costa, 2002: 97), “os auxiliares puros do Português”, porque cumprem todos os requisitos usados para a sua determinação, e que a auxiliabilidade “é um fenómeno gradual, no sentido em que, entre os verbos tipicamente auxiliares e os não auxiliares (ou principais),

existe um conjunto de verbos cujo comportamento oscila entre o dos primeiros e o dos segundos.” (Gonçalves, Costa, 2002: 49). Os demais (de passiva, temporais, modais, aspetuais), tradicionalmente auxiliares, são considerados pelas autoras como ‘semiauxiliares’, exatamente por não cumprirem o pleno dos critérios cujo elenco acabei de apresentar.

Tendo em consideração o que acaba de ser explicitado, avancemos com a aplicação dos seguintes testes (ou provas), que nos vão permitir averiguar sobre a natureza mais ou menos ‘perifrástica’ de <meter-se a + infinitivo>, bem como sobre o carácter mais ou menos ‘auxiliar’ de *meter-se (a)*.

Teste 1: O segundo constituinte da construção, onde se encontra a forma verbal não finita (o infinitivo), não pode ser ocupado (substituindo aquela) nem por um ‘pronome’, como se pode ver confrontando (5) (pronome ‘demonstrativo’) com (4), nem por um ‘nome de significado afim’ (cf. (6) com (4)), nem ainda por uma ‘oração completiva finita’ (cf. (7) com (4)). Ao fazer-se, ou resultam agramaticais ou de gramaticalidade duvidosa.

(4) 1.1. «Dias há em que então os poetas frenéticos *se metem a re-produzir* poemas como se uma encomenda mercenária tivesse que ser ali perfeita, os coitados dos poetas a fazer batota com grandes frases interseccionadas.»

(5)* «Dias há em que então os poetas frenéticos *se metem a* isso como se uma encomenda mercenária tivesse que ser ali perfeita, os coitados dos poetas a fazer batota com grandes frases interseccionadas.»

(6)* ? «Dias há em que então os poetas frenéticos *se metem à* re-produção (de) poemas como se uma encomenda mercenária tivesse que ser ali perfeita, os coitados dos poetas a fazer batota com grandes frases interseccionadas.»

(7)* «Dias há em que então os poetas frenéticos *se metem a* que re-produzem poemas como se uma encomenda mercenária tivesse que ser ali perfeita, os coitados dos poetas a fazer batota com grandes frases interseccionadas.»

Teste 2: A forma verbal não finita da construção não pode ser focalizada na ‘estrutura enfática de relativo’ (cf. (9) com (8)).

(8) 2.1. «A Maria era leal. Não *se meteu a saber* se devia ou não ser leal para com quem lhe acordou os seus sentimentos. Limitou-se a ser leal.»

(9)* «A Maria era leal. *A saber* se devia ou não ser leal para com quem lhe acordou os seus sentimentos é ao que não *se meteu*. Limitou-se a ser leal.»

Teste 3: O infinitivo é a forma verbal responsável pela ‘seleção do sujeito’ (compulse-se de novo (1) - (3), todos com sujeito animado e humano), bem como de ‘outros complementos’ (caso estejam presentes, é claro), e não a forma finita do semiauxiliar *meter-se a*. Como ilustração da seleção dos complementos por parte da forma não finita da construção, cf. (11) com (10) e (13) com (12).

(10) 6.1. «[...] E por isso nenhuma equipa de ginecologistas, por mais desvairada e megalómana que fosse, *se meteria a clonar* embriões humanos: iam perder fortunas, os accionistas iam roer a corda, e acabava por falir.»

(11) * «[...] E por isso nenhuma equipa de ginecologistas, por mais desvairada e megalómana que fosse, *se meteria a clonar* comportamentos humanos: iam perder fortunas, os accionistas iam roer a corda, e acabava por falir.»

(12) 8.1. «A Clara disse que eu não estava a perceber. Que havia tanta coisa para fazer que lhe interessava apenas fazer muito bem, fazer com perfeição, aquilo que *se metesse a fazer*.»

(13) * «A Clara disse que eu não estava a perceber. Que havia tanta coisa para fazer que lhe interessava apenas fazer muito bem, fazer com perfeição, as urtigas que *se metesse a fazer*.»

A subida de clíticos e a passivização das formas não pessoais do verbo, disse-se já, também são dois testes que se usam para a determinação das propriedades em epígrafe: os caracteres ‘perifrástico’ da construção e ‘semiauxiliar’ de *meter-se a*. Acontece, porém, que, por ser pronominal, *meter-se a* bloqueia ambas as provas, o que quer dizer que deixam de ser relevantes para o que aqui está em causa.

Descrição sintática ou das restrições de seleção

Entremos, agora, na secção em que se investigam as possíveis restrições de seleção que afetam a construção, não só as que concernem ao verbo semiauxiliar (ser defetivo, nesta qualidade, em determinados tempos, aspetos, modos) mas de modo particular, mais importante, as que dizem respeito ao auxiliado (aquele, o semiauxiliar, restringe muito frequentemente o tipo de verbos com que se pode combinar para construir perífrases, sobretudo por razões que se prendem com a classe aspetual⁵ deste último, o verbo principal). Para além disso, e caso ocorram, explicitam-se as idiosincrasias que a construção possa apresentar em determinados contextos sintáticos, como a negação⁶, a interrogação, a passiva⁷, e eventuais outras.

Disse-se já, e viu-se pela explicitação de enunciados que discuti, que a perífrase de fase inceptiva <*meter-se a* + infinitivo> expressa a existência ‘um certo esforço’, ‘dedicação’, ‘vontade firme’ ou ‘decisão’ por parte da entidade a que o sujeito se refere na fase inicial de uma situação eventiva. Este acréscimo de significado acarreta uma importante restrição na interpretação do sujeito: a de só poder ser entendido como ‘agente’. No caso de ser paciente ou experienciador, os enunciados resultam agramaticais. Veja-se, pois:

(14) «Depois dos 40, sem que tivesse muita consciência disso, o António *começou a engordar*.»

(15) * «Depois dos 40, sem que tivesse muita consciência disso, o António *meteu-se a engordar*.»

(16) «Depois dos 40, para poder experienciar o excesso de peso, o António *meteu-se a engordar*.»

⁵ Sobre classes aspetuais de predicacões (distintas tipologias), com que em parte se opera aqui, cf. Vendler (1967) e sobretudo Moens (1987), mas também Cunha (1998 e 2007), Oliveira (2003) e, ainda, De Miguel (1999).

⁶ Na forma negativa, como em (8), o (certo) esforço, dedicação, vontade firme ou decisão, característicos da construção, logicamente, estão ausentes.

⁷ Sobre esta propriedade, cf. o que se escreveu no último parágrafo da secção anterior.

Porque *engordar* é um verbo de mudança de estado que a entidade a que o sujeito se refere padece ou experiencia, é compatível com <começar a + infinitivo> (cf. 14) mas não com <meter-se a + infinitivo> (cf. 15). Porém, ao acrescentar-se a subordinada final “*para poder experimentar o excesso de peso*”, passa a ser compatível, precisamente por se indicar que a entidade a que o sujeito se refere participa de forma ativa na mudança de estado, ou seja, é agente) (cf. 16).

No que concerne ao aspeto lexical, <meter-se a + infinitivo> constrói-se com predicados dinâmicos, de preferência durativos, como se pode ver em (17) e (18), exemplos de atividades ou processos não delimitados, e (19) e (20), exemplos de processos culminados ou *accomplishments*.

(17) 2.3. «Dito e feito. De camaroeiro em punho **meteu-se a pescar** vírgulas nas prosas mais turvas; lançou-se atrás do til, essa borboleta, e do trema em lantejoulas; distribuiu hifens, colocou-os com o cuidado com que se abrem cancelas no terreno selvagem das orações confusas.»

(18) 6.1. «[...] E por isso nenhuma equipa de ginecologistas, por mais desvairada e megalómana que fosse, **se meteria a clonar** embriões humanos: iam perder fortunas, os accionistas iam roer a corda, e acabava por falir.»

(19) 2.2. «Logo *Golo* se cansou, saltou para fora e **meteu-se a explorar** minuciosamente o cesto dos papéis.»

(20) 22.1. «Como só tínhamos sujado pratos de papel, deve **ter-se metido a lavar** dois ou três tachos miseráveis que havia no armário.»

Provavelmente por serem menos (ou bem menos) frequentes, o *corpus* não nos fornece enunciados com predicados de culminação (ou *achievements*). No entanto, posso disponibilizar os seguintes (cf. 21 e 22), sempre com leitura iterativa e/ou habitual (resultante da composicionalidade: tempos verbais + adverbiais):

(21) «Depois daquela má experiência, a D. Maria **meteu-se a fechar** a porta compulsivamente.»

(22) «Sempre que a confrontavam a respeito de qualquer coisa, a Rita **metia-se a inventar** uma desculpa.»

Por fim, os predicados não dinâmicos ou de estado estão de todo excluídos, isto é, não se podem combinar com a construção em análise (cf., todavia, o que se vai dizer de seguida, na última secção).

Resultados | Discussão || Conclusão

A presente investigação permitiu obter o seguinte resultado: que a construção de fase inicial <*meter-se a + infinitivo*> não pode ocorrer com predicados que denotem estados, mas tão-só com as denotadoras de situações eventivas. E isto acontece porque, ao significado básico de focalização do começo da situação denotada pela forma verbal do infinitivo, se acrescenta(m) a(s) informação(ões) de ‘(um certo) esforço’, ‘vontade firme’ ou ‘decisão’ que convertem o sujeito da construção em questão num controlador da situação denotada pelo predicado cujo núcleo é a forma verbal de infinitivo.

Os predicados de estado podem, contudo, ocorrer em construções inceptivas, mas estas não podem acrescentar àquele significado os de ‘esforço’, ‘vontade’ ou ‘decisão’ por parte da entidade a que o sujeito se refere (cf. 23).

(23) «Os alunos estavam irrequietos porque *começavam a ter fome/ estar cansados*.»

Concluindo: parece que o número consideravelmente elevado de construções inceptivas tem a sua razão de ser: a especialização na manifestação da inceptividade *sui generis*, idiossincrasia que releva não só do(s) significado(s) específico(s) mas também da combinação sintático-semântica da construção. Com esta contribuição, ficámos a conhecer tanto um(uns) quanto a outra para a construção inceptiva <*meter-se a + infinitivo*>.

Referências bibliográficas

APARICIO, J., COLL-FLORIT, M., CASTELLÓN, I. (2014), “Perífrasis incoativas: aproximación cognitiva y estudio de corpus”, *Sintagma*, 26, pp. 73-88.

- BARROSO, H. (2017), “<Passar a + infinitivo> no Português Europeu: construção com valor discursivo ou operador aspetual?” em: Ferreira, A. M., Morais, C., Brasete, M.^a F., Coimbra, L. R. (eds.), *Pelos mares da língua portuguesa 3*, UA Editora, Aveiro, pp. 279-301.
- BARROSO, H. (2016), “<Pôr-se a + infinitivo> no Português Europeu” em: Hlibowicka-Węglarz, B., Wiśniewska, J., Jabłonka, E. (eds.), *Língua Portuguesa. Unidade na Diversidade*, vol. I, Wydawnictwo Uniwersytetu Marii Curie-Skłodowskiej, Lublin, pp. 109-124.
- BARROSO, H. (2007), *Para uma gramática do aspecto no verbo português*, Universidade do Minho, Braga, [on-line] <http://hdl.handle.net/1822/7987>.
- BARROSO, H. (1994), *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/ sincrónica*, Porto Editora, Porto.
- CUNHA, L. F. A. S. L. da (1998), *As construções com progressivo no Português: uma abordagem semântica*, Universidade do Porto, Porto. [Tese de Mestrado inédita]
- CUNHA, L. F. A. S. L. da (2007), *Semântica das predicções estativas. Para uma caracterização aspectual dos estados*, Lincom Europa, München.
- DE MIGUEL, E. (1999), “El aspecto léxico” em: Bosque, I., Demonte, V. (eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española*, vol. 2, Editorial Espasa Calpe, Madrid, pp. 2977-3060. [Real Academia Española – Colección Nebrija y Bello]
- DUARTE, I. (2003), “Subclasses de verbos e esquemas relacionais” em: Mateus, M.^a H. M. [et al.], *Gramática da língua portuguesa*, 5.^a ed., Editorial Caminho, Lisboa, pp. 295-316.
- DUARTE, I., BRITO, A. M. (2003), “Estrutura argumental e papéis temáticos”, “Tipos de situações e tipologia aspectual dos verbos”, “Natureza aspectual do verbo e respectiva estrutura argumental” em: Mateus, M.^a H. M. [et al.], *Gramática da língua portuguesa*, 5.^a ed., Editorial Caminho, Lisboa, pp. 183-197.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, L. (ed.) (2006), *Diccionario de perífrasis verbales*, Editorial Gredos, Madrid.
- GONÇALVES, A., COSTA, T. da (2002), *(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares. Descrição e implicações para o ensino do Português como Língua Materna*, Edições Colibri e Associação de Professores de Português, Lisboa.

- MOENS, M. (1987), *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Ph.D., University of Edinburgh, Edinburgh.
- OLIVEIRA, F. (2003), “Tempo e aspecto” em: Mateus, M.^a H. M. [et al.], *Gramática da língua portuguesa*, 5.^a ed., Editorial Caminho, Lisboa, pp. 127-178.
- VENDLER, Z. (1967), *Linguistics in Philosophy*, Cornell University Press, New York.

Corpus

1.1. «Dias há em que então os poetas frenéticos *se metem a reproduzir* poemas como se uma encomenda mercenária tivesse que ser ali perfeita, os coitados dos poetas a fazer batota com grandes frases interseccionadas.»
[F, p. 46]

2.1. «A Maria era leal. Não *se meteu a saber* se devia ou não ser leal para com quem lhe acordou os seus sentimentos. Limitou-se a ser leal.»
[NG, pp. 183-184]

2.2. «Logo *Golo* se cansou, saltou para fora e *meteu-se a explorar* minuciosamente o cesto dos papéis.»
[IGAGC, p. 61]

2.3. «Dito e feito. De camaroeiro em punho *meteu-se a pescar* vírgulas nas prosas mais turvas; lançou-se atrás do til, essa borboleta, e do trema em lantejoulas; distribuiu hifens, colocou-os com o cuidado com que se abrem cancelas no terreno selvagem das orações confusas.»
[DE, p. 97]

6.1. «[...]. E por isso nenhuma equipa de ginecologistas, por mais desvairada e megalómana que fosse, *se meteria a clonar* embriões humanos: iam perder fortunas, os accionistas iam roer a corda, e acabava por falir.»
[V 207 (1997/03/06 a12)]

8.1. «A Clara disse que eu não estava a perceber. Que havia tanta coisa para fazer que lhe interessava apenas fazer muito bem, fazer com perfeição, aquilo que *se metesse a fazer*.»
[FH, p. 106]

11.1. «A ideia do fabrico destas estatuetas foi minha, Bem o sei, Foi minha, mas nestes últimos dias tem-me andado a atormentar uma espécie

de remorso, a toda a hora me pergunto se terá valido a pena *meter[mo]-nos a fabricar* bonecos, se não será tudo isto pateticamente inútil,»

[C, p. 232]

22.1. «Como só tínhamos sujado pratos de papel, deve *ter-se metido a lavar* dois ou três tachos miseráveis que havia no armário.»

[POP, p. 74]

Fontes do corpus

Textos literários

Carvalho, Mário de

(⁵1997) *A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho*. Lisboa: Editorial Caminho, SA [1983].

(²1998) *Fabulário*. Lisboa: Editorial Caminho, SA [1984].

Castilho, Paulo

(2000) *Por Outras Palavras*. Lisboa, Contexto.

(²1990) *Fora de Horas*. Lisboa, Contexto [1989].

Negreiros, Almada

(²1992) *Nome de Guerra*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda [1938].

Pires, José Cardoso

(⁷1999) *Dinossauro Excelentíssimo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote [1972].

Saramago, José

(2000) *A Caverna*. Lisboa: Editorial Caminho, SA.

Imprensa escrita

Visão (revista semanal), Lisboa

Siglas (das fontes do corpus)

C *A Caverna*, José Saramago

DE *Dinossauro Excelentíssimo*, José Cardoso Pires

F *Fabulário*, Mário de Carvalho

FH *Fora de Horas*, Paulo Castilho

IGAGC *A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho*, Mário de Carvalho

| | |
|------------|---|
| <i>NG</i> | <i>Nome de Guerra</i> , Almada Negreiros |
| <i>POP</i> | <i>Por Outras Palavras</i> , Paulo Castilho |
| <i>V</i> | <i>Visão</i> |